
O espaço público e os cidadãos na Virada Cultural

Gilberto Geribola Moreno



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1405>

DOI: 10.4000/pontourbe.1405

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 1 Julho 2012

Refêrencia eletrónica

Gilberto Geribola Moreno, « O espaço público e os cidadãos na Virada Cultural », *Ponto Urbe* [Online], 10 | 2012, posto online no dia 28 julho 2012, consultado o 25 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1405> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1405

Este documento foi criado de forma automática no dia 25 Abril 2019.

© NAU

O espaço público e os cidadãos na Virada Cultural

Gilberto Geribola Moreno

- 1 Eu tô ficando com sono
- 2 -A gente podia ir pra casa do Fábio e dormir um pouquinho até as seis e aí voltar.
- 3 -Cê tá loca? Hoje é um dia muito especial. A gente não pode dormir.
- 4 -É isso mesmo. Dormir a gente dorme todo dia.
- 5 O diálogo acima foi ouvido entre as estações Luz e República do metrô quando eu ia embora da Virada Cultural. O grupo de jovens que travara a conversa desceu na estação que dava acesso ao epicentro do evento. Já vinham de outros shows e pelo teor da conversa continuariam ali por muito tempo.
- 6 Esse fragmento me soa como um sentimento um pouco generalizado entre aqueles – jovens, e adultos - que passaram pela Virada. Um dia especial... A tomada do centro da cidade de São Paulo por milhares de pessoas, de diferentes orientações políticas, culturais, sexuais e outras só pode ser um dia especial. Se pensarmos na apropriação do espaço público, das ruas e praças tomadas pela multidão que aflui ao centro em um ritmo crescente desde o início do evento até alcançar seu pico na madrugada do domingo, esse dia é mais do que especial. É um dia impar na vida da cidade e de seus moradores que mudam de ritmo. Abandona-se o ritmo frenético característico do centro urbano; o andar apressado próprio do paulistano e volta-se para uma passada contemplativa e relaxada, uma passada lenta, de fruição e vivência do espaço urbano.
- 7 Para mim fica a impressão de que os espectadores não são apenas espectadores da grande festa que é a Virada. Todos fazem efetivamente parte ativa da festa. São todos um pouco atores encenando performances variadas de acordo com seu grupo de estilo ou seguindo a onda da festa e interagindo com os demais no clima de ocupação da cidade. Nesse momento toda a dinâmica da cidade e seus agentes vivem outro ritmo, vive “um dia especial”.
- 8 Por volta das 18 horas cheguei na Estação República do Metrô. O evento estava apenas começando, mas já era visível a mudança no cotidiano da cidade. Diversos grupos de estilo

afluíam à praça passando pelas catracas da estação. Um grupo vestido de preto, camisetas com inscrições do Motor Head, The Clash, Raul Seixas no estilo característico dos roqueiros; do outro lado um grupo de meninas de cabelos longos, calças jeans apertadas, botas; meninos com camisas xadrez, bermudas e skate na mão; mais à frente rapazes de calções largos, bonés, correntes no pescoço. Apesar de quase ausente nos palcos, o hip hop está nas ruas. Aqui e ali, alguém improvisa uma performance artística chamando a atenção dos transeuntes.

- 9 Um transeunte improvisa uma performance artística chamando a atenção dos que desembarcam na estação. Paulatinamente as pessoas vão tomando as ruas do centro da cidade. Performances individuais ou de grupos de estilos juvenis, todos, de alguma maneira, são um pouco atores e performers. Do mesmo modo que ninguém parece ser mero espectador, a cidade também se performatiza, em flagrante diferenciação com o seu cotidiano marcado pelo pouco uso do espaço público para a fruição e o lazer.
- 10 Ao sair do metrô com destino à praça da República já se vê uma mistura de grupos de estilos no espaço reservado para o jazz. Neste espaço, destacam-se, ainda no início da Virada, pessoas com idade aparente por volta dos trinta anos. Muitos casais. Alguns com filhos pequenos.
- 11 *
- 12 A polícia reprimiu com vigor a venda de bebidas alcoólicas, sobretudo de um vinho químico muito consumido e que leva muitos ao coma alcoólico. O vinho é realmente muito ruim. Uma bomba etílica de 96° GL, mas quem o bebe não está provavelmente procurando qualidade e sim entrar no êxtase da festa. Ambulantes portando isopores são abordados e intimados a deixarem o local sob pena de serem autuados. A estratégia da prefeitura e da polícia militar em reprimir a venda de bebidas centra-se sobre aqueles que estão com isopores. Alguns ambulantes usam como tática a criação de sacolas a partir da emenda de pequenas sacolas de supermercado. Amarrando umas às outras constroem sacos nos quais colocam gelo, cerveja e o famigerado vinho químico. Com isso caminham entre a multidão que toma o centro e vendem sem serem incomodados. O vinho permitia um recurso tático a mais: mochilas. Nestas era possível encontrar seis garrafas da bebida vendida a dez reais. A polícia, ao que pude observar centrou a repressão sobre aqueles que estavam com isopores e por isso mais evidentes no meio da multidão. Esses eram sistematicamente abordados e intimados a saírem do local, sinalizando, para mim, que em trânsito talvez fosse possível o comércio. Ao abordar dois vendedores na Praça da República o policial lhes dizia “já falei que aqui não” o que me permite subentender que há lugares em que “aqui sim”.
- 13 Um pouco acima, no sentido Praça Roosevelt encontrava-se o espaço “cabaré”, palco montado em frente à casa noturna Love Story, tradicional ponto de encontro de mulheres que trabalham à noite nas redondezas, nas ruas ou em casas de prostituição. O ambiente era propositalmente carregado de sentido sexual orientado, inclusive, pelas intervenções do apresentador. O desejo e sexo eram mais claramente manifestos entre o público que estabelecia um clima gay friendly com muitos casais se abraçando e beijando. No palco o apresentador(a) abusava da linguagem erótica e com referência ao mundo gay. A performance de alguns grupos era bastante estereotipada e o show mais aguardado o da Gretchen. Este decepcionou a audiência por erros grosseiros na condução do play back.
- 14 No Vale do Anhangabaú, um grande palco estava montado para a apresentação de orquestras sinfônicas. Único espaço exterior da Virada a contar com cadeiras para o

público. Quando passamos pelo Vale, ainda no início da virada, essas cadeiras estavam tomadas pelos espectadores que assistiam ao espetáculo da limpeza do palco. Um contingente de trabalhadores se apresava em limpar com vassouras, rodos e panos o palco para a apresentação dos músicos. Com comportamento comedido o público olhava para o palco. A cena parecia em tudo um espetáculo de dança. Somado ao ar dos espectadores não duvido que alguém poderia pensar que se tratava de um espetáculo de dança. Aliás, parecia, mesmo. Os corpos uniformizados pelos aventais e luvas e deslizar sobre o palco poderia ser uma performance artística. “Por que não?”, perguntaria Duchamp.

15 *

16 O tributo à Elis parecia ser o espaço mais “bicho grilo” da festa. Montado na intersecção entre o Vale do Anhangabaú e o Boulevard São João. Não sei se em outros dias os vendedores de artesanato ficam ali, mas em toda a Virada, o Boulevard São João era o único lugar no qual havia uma feira de artesanato com muitos vendedores de brincos, colares, mascaras. etc.

17 Com o avançar das horas a cidade foi ficando tomada por um público predominantemente juvenil. Havia vários grupos de estilo e as ruas ficam intransitáveis, tamanho o número de pessoas.

18 Em dupla, por volta das duas horas de domingo, atravessamos o centro no sentido República – Estação Júlio Prestes. Na Avenida Cásper Líbero, deparamo-nos com cenas de violência entre dois grupos de rapazes que transformaram a rua em um espaço de pancadaria. Dois grandes grupos juvenis se enfrentavam no meio da rua a socos e pontapés. Um corre-corre se estabeleceu com muitas pessoas tentando se proteger. Uma e outra garrafa foi atirada sem ferir ninguém. Os dois grupos se enfrentavam entre idas e vindas ao longo da via. Corriam para cima de alguns, trocavam socos e pontapés. Em seguida corriam e eram perseguidos pelos agredidos que revidavam a violência e corriam sendo perseguidos por aqueles. Repetiram essa dinâmica algumas vezes deixando todos apreensivos e em estado de alerta. A intervenção de alguns policiais dispersou os grupos enquanto nos encaminhávamos para o espaço dedicado ao som afro.

19 Ao chegarmos à Praça Júlio Prestes o clima e os ânimos eram totalmente diferenciados. Reinava certa tranquilidade e alguma expectativa pelo início do show do Seun Kutí. A praça não estava muito cheia, mas à medida que se aproximava o horário do show foi paulatinamente sendo tomada pelas pessoas até ficar completamente cheia. A presença de negros era bem maior do que em outros espaços. Contrastando com as cenas de violência que assistíramos a pouco, esse espaço era de uma maior integração entre a plateia e desta com o palco. Não se via arroubos ou atos de violência por parte da plateia Assistia-se ao show e interagía-se com o cantor entoando algumas letras e dançando. O clima era de contestação à ordem política e econômica, tema predominante nas músicas de Seun.

20 Ao caminhar por um percurso na virada e acompanhar alguns espaços de estilo e manifestações culturais, a impressão que fica é de que há muitas Viradas. Alguns espaços dialogam com outros e os espectadores estabelecem, ao circular pelo centro, a linha que cria essa relação. Nesse processo podem tomar contato com estilos aos quais jamais teriam acesso, não só por limitações financeiras, mas também porque não assistiriam a determinados espetáculos por uma questão de gosto. Nesse quesito, a Virada possibilita certa licença às pessoas para experimentarem estilos diferentes daqueles que lhes são habituais.

- 21 Ao observar o palco dos saraus periféricos fiquei com a impressão de ver uma “ideia fora do lugar”. Embora estes estivessem na programação oficial e venham, cada vez com maior frequência, tomando alguns espaços culturais da cidade. A apresentação realizada sobre um palco transformava os saraus em eventos diferentes daqueles que se experimenta quando são vivenciados em seus espaços de origem, nos quais a aproximação com o público é, literalmente, no rés do chão. Mesmo não sendo uma barreira propositalmente colocada para diferenciar os participantes, o fato é que um palco há quase dois metros do chão cria distanciamentos e hierarquiza os participantes. Ao mesmo tempo este era o único palco no qual o hip hop conseguia se manifestar já que fora alijado da programação oficial do evento.
- 22 Por fim, estes são alguns registros sucintos de uma caminhada por um evento de grande porte que trás para a cidade de São Paulo, mesmo que seja por um final de semana, outros ares e a convivência de diferentes estilos e manifestações culturais. A Virada demonstra que nesta metrópole é possível a ocupação do espaço público pelos cidadãos, a despeito de todas as iniciativas, públicas e privadas, em contrário, e que é viável sonhar com uma cidade na qual seja factível viver juntos.
-

AUTOR

GILBERTO GERIBOLA MORENO

Doutorando em educação pela USP.